

VERBAS COMUNITÁRIAS ABASTARDAM UNIVERSITÁRIOS

HÁ cursos e cursos. E, hoje, o que está a dar é ser-se engenheiro informático ou electrónico e começar a ganhar 300 contos logo após a licenciatura.

Esta foi uma das questões que veio à baila em mais uma jornada do V Congresso de Informática que continua a decorrer, até amanhã, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Por que ganham tão bem os engenheiros licenciados em electrónica e informática? Pela simples razão de que as Universidades formam anualmente um número reduzidíssimo de estudantes naquelas áreas. E como em todo o País a solicitação é enorme, quem fica a ga-

mentaram também o «abastardamento» da classe universitária portuguesa, a qual, aliciada pelas verbas comunitárias, se empenha em programas europeus de investigação virando as costas aos problemas e projectos nacionais.

De outros temas se falou no terceiro dia do Congresso de Informática. De novo se insistiu na necessidade de investir na ciência e tecnologia, sem esquecer, contudo, o factor da produção porque, como afirmava um dos congressistas, «os portugueses sabem conceber, sabem comercializar, mas não sabem produzir». Isto porque, em sua opinião, continua a não haver no nosso país téc-

nhar com este desequilíbrio entre a oferta e a procura são os engenheiros que vêem o seu ramo profissional ser actualmente um dos mais bem cotados no mercado de trabalho.

«Na Administração Pública abrem concursos que chegam a ficar desertos» — afirma um congressista evidenciando, assim, a situação de crise gerada pela escassa produção de licenciados em electrónica e informática. Crise que, dizem os entendidos, apresenta tendência para vir a agravar-se. No entanto, o projecto da Universidade Aberta, caso venha a concretizar-se, poderá apresentar-se como uma saída alternativa para esta si-

nicos habilitados para ensinar e produzir, aspecto que é fundamental para a economia de uma nação e que não pode ser esquecido na definição de uma política de desenvolvimento.

As linguagens de quarta geração, fruto do desenvolvimento das linguagens de programação e que criou expectativas exageradas, quer nos profissionais quer nos utilizadores finais da informática, foi outro dos temas abordados no V Congresso de Informática.

Visto como o «toque de finados» para muitos profissionais, o fenómeno foi também interpretado, por outros, como o «grito do lpi-

tução que prevê agudizar-se».

Ainda no âmbito da questão universitária, alguns congressistas assinalaram as Faculdades de funcionarem em «circuito fechado» produzindo licenciados para imediatamente os converterem em docentes.

«Ficam todos a trabalhar nas Universidades porque a formação que receberam não os preparou para mais nada» — critica incisivamente um dos participantes no Congresso, acrescentando que a escola «desencoraja a criatividade e contribui para formar futuros analistas».

A propósito de investigação, alguns dos presentes le-

ranga» dos utilizadores que passaram a ter possibilidade de desenvolver independentemente as aplicações necessárias.

Heve ainda uma abordagem à integração de sistemas de gestão de dados e conhecimento para modelação em robótica, através de um complicadíssimo discurso com referências à «interactividade de sistemas segmentados por domínios e métodos», «interpretadores L.M.», «eliminação de backlog» e muitos outros intragáveis termos de uma linguagem técnica que nem todos possuem as ferramentas necessárias para se decodificar.

E. R.

mercado de trabalho